

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU
FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS – FACIC
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS

ANA LAURA GOMES DE SOUSA

**ESTEREÓTIPO DOS ‘ALUNOS DO FUNDÃO’ NO CURSO DE GRADUAÇÃO EM
CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

UBERLÂNDIA
MAIO DE 2017

ANA LAURA GOMES DE SOUSA

**ESTEREÓTIPO DOS ‘ALUNOS DO FUNDÃO’ NO CURSO DE GRADUAÇÃO EM
CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

Artigo Acadêmico apresentado à Faculdade de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis.

Orientadora: Profa. Dra. Edvalda Araújo Leal

UBERLÂNDIA

MAIO DE 2017

RESUMO

Este estudo objetivou analisar se os ‘alunos do fundão’ são estereotipados negativamente quanto ao rendimento acadêmico pelos docentes do curso de Ciências Contábeis das universidades brasileiras. Para isso, utilizou-se a pesquisa descritiva, de abordagem quantitativa, sendo o procedimento de coleta de dados o levantamento, com a aplicação de um questionário. A amostra é composta de 471 docentes. Para análise dos dados, utilizou-se a análise descritiva e o teste estatístico da análise fatorial exploratória. Verificou-se que os docentes não avaliam negativamente o rendimento dos alunos do fundão, ou seja, a posição ocupada em sala não influencia o desempenho, tampouco a participação desses alunos em sala de aula é negativa. Para os professores, eles buscam alcançar êxito nas atividades individuais e poderão obter bons resultados nas avaliações externas à Instituição, tais como, Enade ou exame de suficiência do Conselho Federal de Contabilidade (CFC). A análise fatorial exploratória resultou em quatro fatores que explicam 61,4% da variação dos dados. Esses fatores foram denominados: ‘Rendimento e desempenho negativo dos alunos do fundão’, ‘Desinteresse dos alunos do fundão’, ‘Rendimento e desempenho positivo dos alunos do fundo’ e ‘Atitudes dos Docentes para envolver os alunos do fundo nas atividades em sala’. De acordo com os resultados da estatística descritiva, os professores participantes concordam que a posição do aluno na sala de aula não influencia o rendimento acadêmico.

Palavras-chave: Alunos do fundão. Estereotipagem. Rendimento.

ABSTRACT

This study aimed to analyze if the 'students who sit in the back of the classroom' are stereotyped negatively regarding the academic performance by the professors of Accounting Sciences course of the Brazilian universities. In order to accomplish this, the descriptive research, of quantitative approach, was used and the data collection procedure was the survey, with a questionnaire application. The sample is made up of 471 professors. For the analysis of the data, we used the descriptive analysis and the statistical test of the exploratory factorial analysis. It was verified that the professors do not evaluate negatively these students' performance, that is, the position occupied in the classroom does not influence the performance, nor the participation of these students in the classroom is negative. For professors, they seek to achieve success in individual activities and can achieve good results in evaluations outside the Institution, such as Enade or an examination of Conselho Federal de Contabilidade (CFC). The exploratory factorial analysis resulted in four factors that explain 61.4% of the data variation. These factors were denominated: 'Performance and negative performance of the students in the back of the classroom', 'Disinterest of the students in the back of the classroom', 'Performance and positive performance of the students in the back' and 'Professors' attitudes to involve the students who sit in the back of the classroom, in the class activities'. According to the results of descriptive statistics, participating professors agree that the student's position in the classroom does not influence in academic performance.

Keywords: Students who sit in the back of the classroom. Stereotyping. Performance.

1 INTRODUÇÃO

Muitos estudos têm sido desenvolvidos com o objetivo de analisar e compreender os atores educacionais da área contábil, entre eles, os discentes. Nesse sentido, pesquisas, inclusive internacionais, se propõem a entender a questão da localização escolhida pelo aluno em sala de aula e o suposto preconceito com os conhecidos “alunos do fundão” (VIEIRA; MACIEL, 2009), ou seja, aqueles que ocupam as posições mais distantes dos professores na classe.

Miranda, Vicente e Freitas (2014, p. 40) enfatizam que “não se sabe se a ocupação do espaço da sala de aula pelos discentes do curso de Ciências Contábeis interfere na relação pedagógica entre professores e alunos (...)”, mas que “está claro na literatura pesquisada a tendência de estereotipagem negativa, por parte de professores e alunos, quanto aos estudantes que ocupam as últimas filas da sala de aula” (MIRANDA; VICENTE; FREITAS, 2014, p. 42).

Alguns estudos apontam que a relação de bom convívio entre professores e alunos é um dos saberes que permeiam uma boa docência, ou seja, é um fato que impacta no processo de educação e aprendizagem (MASETTO, 1998; LACERDA; REIS; SANTOS, 2007; GRADVOHL; LOPES; COSTA, 2009).

Miranda, Vicente e Freitas (2014) evidenciaram que a turma do fundão apresenta um desempenho acadêmico inferior. Uma das possíveis causas pode ser devido à estereotipagem dos alunos por parte do corpo docente, o que, por sua vez, pode influenciar em uma má relação pedagógica e, com isso, contribuir para o baixo rendimento acadêmico dos alunos (MIRANDA; VICENTE; FREITAS, 2014).

Por outro lado, a pesquisa de Silva e Melo (2015) apontou que, em uma universidade do Estado do Rio Grande do Norte-RN, os alunos do fundão conseguiram melhor êxito nas provas para obtenção do registro de contador do que os alunos da graduação que se sentavam à frente na sala de aula.

Assim, o problema que instigou a presente pesquisa é: os ‘alunos do fundão’ são estereotipados de maneira negativa quanto ao rendimento acadêmico na percepção dos docentes do curso de Ciências Contábeis do Brasil? Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa é analisar se os ‘alunos do fundão’ são estereotipados de maneira negativa quanto ao rendimento acadêmico na percepção dos docentes do curso de Ciências Contábeis do Brasil.

A relevância do tema consiste na importância de se investigar os fatores que influenciam o processo ensino-aprendizagem. Conforme já referenciado, o bom convívio entre professores e alunos é uma das competências que permeia a docência e a relação pedagógica com vistas a alcançar o melhor rendimento acadêmico dos alunos. Espera-se com o estudo identificar se existe ou não um estereótipo negativo na percepção dos docentes em relação aos alunos do fundão. Essa discussão poderá promover reflexões relevantes sobre possíveis estratégias para a efetiva participação dos alunos em sala de aula, o que influenciará na qualidade do ensino em contabilidade.

O próximo tópico trata da revisão da literatura sobre a temática acerca da posição ocupada pelos alunos na sala de aula, bem como do rendimento acadêmico, inclusive, em relação à Teoria da Avaliação.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Estereótipo: Alunos do Fundão

Os alunos que ocupam os lugares mais ao fundo da sala de aula, muitas vezes, conhecidos como “alunos do fundão”, são rotulados com algumas características, ou seja, detêm um estereótipo pré-estabelecido em relação a eles.

Entende-se por estereótipo, segundo o dicionário Priberam (1998), o “comportamento ou discurso caracterizado pela repetição automática de um modelo anterior, anônimo ou impessoal, e desprovidas de originalidade e da adaptação à situação presente”. Em outras palavras, existe um preconceito sobre determinado grupo de alunos, que antecede o conhecimento dos mesmos, de que tal grupo seguirá um modelo característico padrão.

Esse padrão se refere, na maioria das vezes, à capacidade intelectual do discente e seu comportamento em sala de aula, de modo que, se “o aluno sentar na frente da sala, próximo da mesa do professor, tem uma conotação afirmativa, enquanto o sentar-se ao fundo, longe do professor, tem uma conotação negativa” (VIEIRA, MACIEL; 2009, p. 17-18). Além disso, supõe-se que a posição que o aluno ocupa em sala de aula revela seu aproveitamento nas aulas, bem como o seu desempenho (PEDERSEN, 1994; MIRANDA, VICENTE e FREITAS, 2014).

No Quadro 1, apresentam-se as características que indicam o estereótipo dos “alunos do fundão” e sua relação com o corpo docente. Tais características foram identificadas e evidenciadas nas pesquisas realizadas por Brandão (1989); Dayrell (2007), Vieira e Maciel (2009); Miranda, Vicente e Freitas (2014).

Quadro 1 – Características atribuídas aos “alunos do fundão”.

Tratados de modo pejorativo e não são contemplados no rol de atenção do professor.
Alunos com os quais os professores demonstram certa indisposição em relação aos mesmos e que, por isso, as aulas, invariavelmente, não eram direcionadas a eles.
Ficam à margem do processo de ensino e de aprendizagem escolar, podendo, inclusive, sobrevir uma espécie de exclusão intelectual, por conta do abandono pedagógico sofrido.
Descompromissados e desordeiros, na visão do corpo docente.
Usuários das expulsões de classe, das listas de suspensão, dos candidatos costumeiros a ‘conversas com o diretor’, do ‘pessoal da segunda época’ e dos eventuais reprovados.
Apresentam comportamentos indesejáveis ou inadequados, além de comportamento aparentemente alienado.
A turma da bagunça.
Alunos que, quando a conversa se avoluma muito, é comum o professor chamar-lhes a atenção, independentemente do local de onde o som era propagado.
Alunos cujo comportamento se altera dependendo do professor ou da disciplina.
Em geral, participam menos de discussões, por desinteresse ou porque são impedidos de manifestarem suas opiniões, ainda que sejam críticos em seus posicionamentos.

Fonte: Organizado pela autora com base na literatura pesquisada.

As características evidenciadas estão associadas ao conceito de “representação social”, que se trata de “uma forma de conhecimento socialmente elaborada e compartilhada, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 2001, p.8).

A partir dessa “representação social” de um grupo, as pessoas determinam a “forma pela qual (...) apreendem os acontecimentos e informações que vão orientar sua conduta e comunicação” (MIRANDA et al, 2013, p. 2) e “influencia o julgamento do sujeito a respeito de situações com as quais ele se depara” (MIRANDA et al, 2013, p. 3). Isso quer dizer que o comportamento dos professores perante os alunos do fundão pode ser em decorrência da percepção (representação social) desses docentes sobre esses alunos, o que impactaria a relação de ensino-aprendizagem.

Os resultados do estudo de Vieira e Maciel (2009, p. 11) apontaram que há um “preconceito que margeia os alunos do ‘fundão’ apresenta-se de modo vulgarizado no dia-a-dia da sala de aula. Desse modo é convertido em algo banal, cristalizando-se e não sendo percebido tanto pelos alunos quanto pelos professores”. Isso se configura como uma grande problemática frente a importância da relação existente entre docentes e discentes para o

processo de ensino-aprendizagem, bem como para o âmbito social em geral (GLEWWE et al., 2011).

Os achados de Miranda, Vicente e Freitas (2014) constataram, em um estudo realizado com os alunos no curso de bacharelado de Ciências Contábeis, que a turma do fundão apresentou resultados acadêmicos inferiores em relação aos demais alunos. Os autores sugerem que se preste especial atenção aos alunos que se sentam ao fundo da sala, bem como à formação didática dos docentes para lidar com essa situação. Nesse sentido, é preciso investigar se efetivamente há tal estereotipagem, bem como se o vínculo e a relação pedagógica entre as partes (alunos e professores) estão prejudicados por uma visão estereotipada, e, caso o estereótipo seja identificado nesta pesquisa, buscar-se-á evidências nos achados se este fator pode ser uma das causas que afetam negativamente o ensino em Contabilidade e o rendimento acadêmico dos estudantes.

2.2 Rendimento Acadêmico e a Teoria da Avaliação

A Teoria da Avaliação é um método utilizado para a análise do rendimento acadêmico de estudantes nas diversas formas de avaliações, as quais devem ser empregadas de forma a refletir a realidade diária daquela atividade para os envolvidos (RUSS-EFT; PRESKILL, 2001). Para compreensão dessa Teoria, é preciso explicar acerca de “avaliações” e “rendimento acadêmico”.

Scriven (1967) entende avaliação como o processo de se determinar o mérito ou valor de algo, logo esse processo envolve: identificação de padrão de mérito, investigação de desempenho e integração com os resultados obtidos. Em outras palavras, no contexto educacional, presume-se que as avaliações possibilitem captar atributos educacionais (conteúdos) e psicológicos (comportamentos, dificuldades, facilidades) envolvidos no processo de aprendizagem (SAX, 1997). A partir do desempenho auferido nas avaliações, julga-se a existência de conhecimento, habilidade ou capacidade subjacente do aluno que possibilitam tomar decisões acerca desse processo (SHAFTEL; SHAFTEL, 2007).

As avaliações são realizadas com vistas a alcançar os objetivos da administração escolar e as metas educativas e pedagógicas (AFONSO, 2010) estabelecidas, que são referentes à comunicação e prestação de contas aos interessados (alunos, professores, instituição de ensino, governo), bem como proporcionar melhorias no programa ou no processo de ensino-aprendizagem (SHAFTEL; SHAFTEL, 2007).

O rendimento acadêmico, por sua vez, é a nota ou o conceito obtido na avaliação do desempenho (MUNHOZ, 2004), podendo essa avaliação ocorrer de várias formas: apresentação de seminários, debates, estudos de caso, autoavaliação, participação em sala de aula, provas dissertativas em grupo ou individuais, provas objetivas (testes) em grupo ou individuais, resenhas, trabalhos dissertativos em grupo ou individuais (OLIVEIRA; SANTOS, 2005).

Dentre as funções da avaliação, têm-se a formativa e a somativa (SCRIVEN, 1967; GALL; GALL; BORG, 1996; BLOOM; HASTINGS; MADAUS, 1971; SHAFTEL; SHAFTEL, 2007; OLIVEIRA et al, 2007; SANTOS, 2005).

2.2.1 Avaliações Formativas

As avaliações formativas ou “avaliação para as aprendizagens” são aquelas que ocorrem ao longo do processo de ensino-aprendizagem (no decorrer do semestre) e estão diretamente relacionadas à avaliação das metas educativas e pedagógicas (PERRENOUD, 1992). Isso porque visa a: monitorar, adequar e melhorar esse processo, mediante acompanhamento da evolução dos discentes; detectar e corrigir as falhas evidenciadas por meio da análise do resultado das avaliações no processo e no contexto educacional; fornecer feedbacks aos agentes educacionais; permitir a mensuração do esforço na aprendizagem; entre outros propósitos.

Fernandes (2008, p. 355) explana acerca dos papéis dos discentes e docentes na aplicação das avaliações formativas, asseverando que essa avaliação:

pressupõe uma partilha de responsabilidades em matéria de ensino, avaliação e aprendizagens e, conseqüentemente, uma redefinição dos papéis dos alunos e dos professores. Além disso, pressupõe novas visões relativamente à natureza das diferentes interações sociais que se podem estabelecer nas salas de aula e dos seus papéis no desenvolvimento da aprendizagem. Obviamente, os professores poderão ter um papel que deve ser preponderante em aspectos tais como a selecção de tarefas ou a organização e distribuição do processo de feedback, enquanto os alunos poderão ter um papel mais activo no desenvolvimento dos processos que se referem à auto-avaliação e à auto-regulação do que têm que aprender (FERNANDES, 2008, p. 357).

Dessa forma, percebe-se que a avaliação formativa pressupõe a corresponsabilidade dos atores educacionais no desempenho de suas funções para que os resultados encontrados efetivamente demonstrem a real situação do processo de ensino-aprendizagem, a fim de verificar se são necessárias adaptações, mudanças, entre outros aspectos. Fernandes (2008) complementa, indicando as responsabilidades individuais de cada agente e a necessária

interação social na sala de aula para o desenvolvimento da aprendizagem, que serve até mesmo para delimitação dos objetivos e compreensão do contexto da turma. Outros estudos (LACERDA; REIS; SANTOS, 2007; MASETTO, 2003; GRADVOHL; LOPES; COSTA, 2009) apontam que uma relação de bom convívio entre os envolvidos (professores-alunos) também é considerada uma competência requerida para a docência.

Além disso, segundo Fernandes (2008), a aplicação dessas avaliações tem como propósito, dentre outros, analisar a aprendizagem dos alunos, tendo como referência os próprios alunos. Assim, comparam-se os alunos consigo mesmos, considerando variáveis tais quais: o esforço, o interesse e os progressos alcançados. Nesse sentido, o presente trabalho visa a analisar a percepção dos docentes acerca dos alunos que se sentam no fundo da sala em relação aos que se sentam à frente no que tange a questões de interesse e motivação (fatores comportamentais), na aula, e rendimento, nas avaliações.

2.2.2 Avaliações Somativas

A segunda função da avaliação mencionada foi a avaliação somativa ou “avaliação das aprendizagens” que, conforme Fernandes (2008), não tem como objeto de análise o processo educacional, mas, sim, o resultado da aprendizagem dos alunos. Perrenoud (1992) assevera que a aprendizagem está relacionada com a verificação do cumprimento dos objetivos da administração escolar.

Esse tipo de avaliação tem como finalidade verificar a aprendizagem adquirida até dado momento e proporcionar conclusões sobre o mérito ou o valor do desempenho dos alunos, até mesmo atribuindo-lhes classificações e estabelecendo níveis de conhecimento entre eles (SHAFTEL; SHAFTEL, 2007; SANTOS, 2005). A referida avaliação ocorre, por exemplo, em provas de concursos públicos, do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE), do Conselho Regional de Contabilidade (CRC), entre outras. Contudo, Santos (2005) afirma que as avaliações que ocorrem ao final de uma disciplina, de um período ou até mesmo de um conteúdo programático, são também denominadas “somativas”.

Já Silva e Melo (2015) realizaram um estudo de caso com 44 alunos egressos do curso de Ciências Contábeis de uma universidade de Mossoró (RN), confrontando as variáveis: alunos do fundão e o sucesso na avaliação do exame do CRC para obtenção da carteira para exercício da profissão. Para o estudo, foi aplicado um questionário, verificando-se que os

alunos do fundão tiveram melhor êxito na avaliação em relação aos alunos que se sentavam à frente, ou seja, o resultado demonstrou que esses alunos se mostraram mais aptos para o exercício da profissão, mesmo se posicionando ao fundo da sala durante a graduação.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa se classifica, quanto ao objetivo, como descritiva, pois se propõe a observar, investigar e delinear particularidades do objeto da pesquisa (RAUPP; BEUREN, 2003), especificamente, a opinião dos docentes do curso de Ciências Contábeis do Brasil a respeito dos alunos que se colocam no fundo da sala e de seu rendimento acadêmico.

Quanto à abordagem do problema de pesquisa, neste estudo, ela é predominantemente quantitativa, dado que foi utilizada a aplicação de testes estatísticos para a análise dos resultados (GIL, 2004).

Para possibilitar a análise do problema, utilizou-se como procedimento técnico um levantamento de dados, a coleta de dados foi realizada diretamente com aqueles que se deseja investigar (docentes do curso de Ciências Contábeis) para se chegar às conclusões almejadas por meio de análises quantitativas (GIL, 2004).

Para obter esses dados, empregou-se um questionário elaborado pela autora em consonância com a literatura já publicada sobre o assunto (VIEIRA; MACIEL, 2009; MIRANDA; VICENTE; FREITAS, 2014; SHAFTEL; SHAFTEL, 2007; FERREIRA, 2008).

O questionário foi estruturado em duas etapas, que correspondem à caracterização dos docentes e às assertivas relativas a percepção desses acerca dos alunos que se sentam no fundo da sala e o rendimento acadêmico. Nessas questões, algumas sinalizaram desempenho negativo dos alunos do fundão, outras o desempenho positivo destes, enquanto outras trataram da atuação do professor. Essas temáticas foram dispostas em ordem aleatória para minimizar o viés de ordem das perguntas e melhorar a qualidade geral dos dados, o que permite atestar que houve veracidade e consistência por parte do respondente.

Na caracterização dos docentes, solicitaram-se os seguintes aspectos: gênero, idade, tempo de atuação na docência no ensino superior, tipo de instituição que está vinculado(a) (pública, privada), em qual instituição ministra aula, qualificação, estado brasileiro que se encontra, quais cursos ministra aula (graduação, especialização, mestrado, doutorado), se

ministra em outros curso além de ciências contábeis e o e-mail, caso deseje receber os resultados da pesquisa.

Em relação às assertivas sobre a percepção dos docentes acerca dos alunos do fundo e o rendimento acadêmico, solicitou-se que se respondesse, considerando a atuação como docente na graduação. Para cada assertiva, o docente deveria atribuir notas de zero (discordo plenamente) a dez (concordo plenamente), sendo admitidas notas fracionadas. O instrumento consistiu em 19 assertivas e uma questão discursiva de resposta opcional, como exposto no Quadro 2.

Quadro 2 – Assertivas relativas à opinião dos docentes presentes no questionário

1. Considero que a posição que o aluno ocupa na sala diz muito sobre o seu interesse em relação à aula e a seu comportamento.
2. Em geral, os alunos que se sentam mais distantes dos professores (no fundo da sala) são desordeiros e descompromissados.
3. Nas avaliações que ocorrem ao longo do processo de ensino-aprendizagem (no decorrer do semestre), os alunos do fundo têm rendimento positivo.
4. Os alunos do fundo participam menos que os alunos da frente de discussões, do desenvolvimento de exercícios e questionamentos.
5. Procuro, de alguma forma, chamar a atenção dos alunos do fundo que se manifestam desinteressados, seja alterando a estratégia de ensino ou propondo diferentes atividades.
6. Considero que os alunos do fundo manifestam um nível de interesse inferior no aprendizado em relação aos que se sentam mais próximos do professor.
7. Os alunos do fundo que manifestam desinteresse em participar das aulas me desanimam ao tentar envolvê-los nas atividades propostas.
8. Nas avaliações externas à instituição (exemplos: Enade, Exame de Suficiência, dentre outros), em minha opinião, os alunos do fundo possuem desempenho inferior do que os alunos que se sentam mais próximos do professor.
9. Organizo atividades em sala que promovem a interação dos alunos do fundo com o restante dos alunos da sala.
10. Considero que sentar no fundo da sala, de alguma forma, compromete negativamente o desempenho do aluno.
11. Em geral, nas provas finais individuais, os alunos do fundo apresentam desempenho inferior aos demais.
12. A percepção sobre o desinteresse nas aulas pelos alunos do fundo, em relação aos demais alunos, é comentada pelos meus colegas professores.
13. Nas avaliações propostas em grupo, os alunos do fundo possuem rendimento maior do que em atividades individuais.
14. Nas atividades que requerem a participação ativa dos alunos, como resolução de estudos de casos, discussões e seminários, os alunos do fundo participam tanto quanto os demais alunos da turma.
15. Considero o papel do professor fundamental para a interação dos alunos do fundo e demais alunos da sala.
16. Nas avaliações em geral, o rendimento acadêmico dos alunos do fundo é positivo.
17. A percepção negativa sobre o rendimento acadêmico dos alunos do fundo, em relação aos demais alunos, é comentada pelos meus colegas professores.
18. Quando percebo que os alunos do fundo estão desinteressados na aula, dou continuidade normalmente no planejamento estabelecido com a participação dos alunos interessados.
19. Considero que a quantidade de alunos na sala interfere no rendimento dos alunos do fundo.
20. O que mais você gostaria de comentar sobre o rendimento acadêmico dos alunos do fundo?

Fonte: Dados da pesquisa.

Importante mencionar que a assertiva 20 é aberta, podendo o respondente descrever comentários sobre o rendimento acadêmico dos alunos do fundo. Essa variável foi analisada qualitativamente com o propósito de complementar as análises quantitativas.

O levantamento no banco de dados de professores que ministram aulas para o curso de Ciências Contábeis no Brasil se deu por meio do contato com coordenadores de curso cadastrados na plataforma do Ministério de Educação (MEC), aos quais foram solicitados os e-mails dos professores do curso da Instituição de Ensino.

Antes de iniciar a coleta de dados, houve a aplicação de um pré-teste com quatro professores que ministram aulas para o curso de Ciências Contábeis. O objetivo foi verificar se o instrumento (questionário) apresentava clareza e compreensibilidade nas questões apresentadas. Emergiram algumas sugestões que foram acatadas e os professores indicaram que o tempo médio para responder o questionário foi de, no máximo, de 10 minutos.

Para o envio aos participantes, utilizou-se o cadastro do questionário no “*Google Forms*”, obtendo-se um *link* que foi direcionado aos e-mails dos coordenadores e professores do curso de Ciências Contábeis do Brasil. Assim, alcançou-se uma amostra de 479 respondentes, contudo, aproveitaram-se 471 dessas respostas, ou seja, aquelas que concluíram o preenchimento do questionário.

Para a análise dos dados, utilizou-se das estatísticas descritiva e a o teste da análise fatorial exploratória. A estatística descritiva sumariza valores de essência similar em tabelas, gráficos ou outros meios, possibilitando uma análise geral da variação dos mesmos (GUEDES et al., 2005).

Já a análise fatorial exploratória, também denominada análise do fator comum, permite sintetizar as múltiplas variáveis que a pesquisa se propõe a analisar em elementos comuns (inter-relacionados), agrupando-as em função de suas similaridades. Isso reduz o volume de dados e variáveis e facilita a interpretação do pesquisador (FÁVERO et al., 2009). A análise fatorial exploratória foi utilizada com o objetivo de identificar as categorias propostas pelo estudo, conforme o teste aplicado e indicativos da literatura.

Importante ressaltar que, para a análise fatorial exploratória, foram realizados os testes recomendados para verificar a viabilidade, sendo eles a estatística KMO e o teste de esfericidade de Bartlett (FÁVERO et al., 2009). Os mesmos serão apresentados na análise de resultados.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nos tópicos seguintes, são evidenciadas e discutidas as análises obtidas por meio da aplicação das estatísticas descritiva e exploratória nos dados coletados nos questionários.

4.1 Caracterização dos respondentes

Conforme já mencionado, uma etapa do questionário visava à obtenção da caracterização do respondente. A Tabela 1 evidencia as respostas obtidas, sintetizando-as a partir da aplicação da estatística descritiva.

Tabela 1 – Caracterização dos respondentes (em valores percentuais)

Gênero		Modalidade IES		Tempo na docência	
Masculino	61,6	Pública	59,0	De 7 a 15 anos	34,8
Feminino	38,4	Privada	34,4	De 16 a 25 anos	26,5
Idade		Ambas	6,6	De 4 a 6 anos	14,2
Acima de 40 anos	58,60	Curso que ministra aula		Até 3 anos	12,7
De 30 a 40 anos	28,45	Mais de um tipo de curso	56,69	De 26 a 35 anos	9,1
De 25 a 30 anos	12,95	Graduação	41,83	Mais de 35 anos	2,5
Região IES		Especialização	0,85	Qualificação	
Sudeste	36,71	Mestrado/Doutorado	0,63	Mestrado	49,7
Sul	31,42	Aulas em outros cursos		Doutorado	36,3
Nordeste	18,47	Sim	60,9	MBA/Especialização - lato sensu	8,9
Centro Oeste	8,28	Não	39,1	Graduação	4,0
Norte	5,10			Outro	1,1

Fonte: Dados da pesquisa.

É possível perceber que o perfil dos respondentes são docentes homens, mestres, de idade superior a 40 anos, que ministram aulas em Instituições de Ensino Superior (IES) públicas, principalmente, da região Sudeste e Sul, nos cursos de Ciências Contábeis, variando o tempo de experiência na docência entre 7 e 25 anos.

Em relação aos cursos em que ministra aula, o questionário possibilitou a marcação de vários campos em conjunto. O resultado aponta que a maior parte dos respondentes ministram aulas na graduação e pós-graduação em Ciências Contábeis, simultaneamente. Importante destacar que um percentual representativo de docentes (41,83%) ministra aulas somente para o curso de graduação.

4.2 Análise descritiva das Variáveis

Em relação às assertivas sobre a percepção dos docentes acerca dos alunos do fundão e o rendimento acadêmico, foram atribuídas notas de zero (discordo plenamente) a dez (concordo plenamente). Por meio da estatística descritiva, mais especificamente, com o emprego da média e do desvio padrão (Tabela 2), apresenta-se o nível de concordância e discordância geral dos respondentes sobre cada assertiva.

Tabela 2 – Análise Descritiva das Variáveis

Questão	Média	Desvio Padrão	Questão	Média	Desvio Padrão	Questão	Média	Desvio Padrão
1	5,5200	3,10865	8	4,1520	2,74082	14	7,0519	2,41526
2	4,2308	2,77509	9	6,6076	3,08345	15	8,2021	4,61568
3	5,8951	1,98000	10	3,9548	3,05893	16	6,3326	2,11479
4	5,1788	2,97237	11	4,3972	2,86839	17	4,3322	3,06710
5	6,5365	2,81930	12	4,5779	3,16675	18	5,4798	2,94346
6	4,9011	3,02260	13	4,4645	2,51540	19	7,0934	3,03994
7	3,7879	2,87994						

Fonte: Dados da pesquisa.

Constatou-se que as assertivas 5,9,14,15,16 e 19 foram as que apresentaram maior nível de concordância entre os docentes, já que foram as de maiores médias. Tais assertivas indicam, na opinião dos docentes, que: o papel dos professores é importante no processo de ensino-aprendizagem; eles se empenham em motivar e promover a interação de todos os alunos; em geral, o rendimento e participação dos alunos do fundo são positivos e esse rendimento é impactado pela quantidade de alunos na sala. Dentre essas assertivas, as que tiveram menor desvio padrão foram a 5, a 14 e a 16, indicando uma maior homogeneidade nas respostas dos docentes.

Os achados da pesquisa convergem para a proposta apresentada por Glewee et al (2011), Lacerda, Reis e Santos (2007), Masetto (1998), Gradvohl, Lopes e Costa (2009) que indicam que o papel do docente é essencial no processo ensino-aprendizagem.

Contudo, confrontando os resultados deste estudo com as pesquisas realizadas por Miranda, Vicente e Freitas (2014) e Brandão (1986), verifica-se que os estudos evidenciaram diferenças no rendimento entre tais grupos de alunos no que tange à localização dos mesmos em sala de aula. Essas pesquisas, porém, cogitaram a possibilidade de esse resultado se deve

ao preconceito e estereótipo negativo dos professores em relação aos alunos do fundão, já que é algo comentado em alguns estudos (VIEIRA; MACIEL, 2009; DAYRELL, 2007). No presente estudo, verificou-se que os docentes não avaliam negativamente o rendimento dos alunos do fundão.

No estudo realizado por Miranda, Vicente e Freitas (2014), os autores indicam alguns fatores que podem afetar o desempenho dos discentes do fundão, tais como: distância do campo de visão do docente; dificuldade de visualização e audição dos conteúdos ministrados; dificuldade de contato com o docente para tirar dúvidas, dentre outros, o que pode estar relacionado à quantidade de alunos na sala de aula.

As questões com média abaixo de cinco apontam baixa concordância dos docentes e foram aquelas que contrapuseram as ideias expostas nas questões de médias altas. Verifica-se na Tabela 2 as assertivas com concordância abaixo de 5 pelos docentes, sendo elas: 2, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13 e 17. Percebe-se que essa discordância refere-se à ideia de que os respondentes entendem que não há diferenças de rendimento e comportamento entre os alunos do fundão em relação aos demais, ou seja, a posição ocupada em sala não influencia o desempenho, inclusive, foi sinalizado que os demais colegas professores não comentam sobre o baixo rendimento desses alunos.

Além disso, os docentes declaram que esses alunos buscam obter um bom êxito nas atividades individuais relativas ao curso e que, portanto, poderão obter bons resultados nas avaliações somativas externas à Instituição (exemplos: Enade, exame de suficiência do CFC, entre outros). Tais resultados convergem para os achados de Silva e Melo (2015), os quais evidenciaram que os alunos do curso de Ciências Contábeis que se sentavam ao fundo da sala obtiveram êxito profissionalmente, bem como um número significativo deles foi aprovado no exame de suficiência do CRC.

Conforme mencionado na metodologia, com o propósito de identificar as variáveis comuns (inter-relacionadas), agrupadas em função das similaridades, utilizou-se o teste análise fatorial exploratória. O próximo tópico apresenta os resultados.

4.3 Análise Fatorial Exploratória

Por meio da análise fatorial exploratória, as 19 (dezenove) assertivas propostas no questionário acerca da percepção dos docentes foram sintetizadas em grupos menores em

função da correlação existente nessas assertivas. O objetivo foi identificar as categorias propostas pelo teste e caracterizadas para este estudo.

Foram realizados alguns procedimentos, a priori, para verificar se é recomendável a análise fatorial, sendo eles: estatística KMO e o teste de esfericidade de Bartlett (FÁVERO et al., 2009).

A estatística KMO “avalia a adequação da amostra quanto ao grau de correlação parcial entre as variáveis” (FÁVERO et al., 2009, p. 241) e remete a um índice que varia entre 0 e 1. Um KMO de valor próximo a 1 indica que o uso da análise fatorial é viável; se mais próximo de 0, entende-se que há fraca correlação entre as variáveis, então não se sugere o emprego dessa técnica estatística que, como exposto, visa a agrupar variáveis correlacionadas a fatores comuns (FÁVERO et al., 2009).

O teste de esfericidade de Bartlett revela se há correlação significativa entre as variáveis, indicando níveis de significância menores que 0,05 que há relações entre as variáveis e, portanto, é uma matriz favorável à aplicação da análise fatorial (FIGUEIREDO FILHO; SILVA JÚNIOR, 2010).

Nesta pesquisa, o índice KMO foi de 0,906 e o nível de significância foi zero, o que indica que é favorável a aplicação da análise fatorial. Assim, na etapa seguinte, aplicou-se a rotação dos fatores pelo método varimax, que indicou a existência de quatro fatores que explicam as variáveis, contados na Tabela 3.

Tabela 3 – Fatores encontrados com Teste de rotação Varimax

	F1	F2	F3	F4
1.Considero que a posição que o aluno ocupa na sala diz muito sobre o seu interesse em relação à aula e o seu comportamento.	,598			
2.Em geral, os alunos que se sentam mais distantes dos professores (no fundo da sala) são desordeiros e descompromissados.	,651			
4. Os alunos do fundo participam menos que os alunos da frente de discussões, do desenvolvimento de exercícios e questionamentos.	,636			
6.Considero que os alunos do fundo manifestam um nível de interesse inferior no aprendizado em relação aos que se sentam mais próximos do professor.	,655			
8. Nas avaliações externas à instituição (exemplos: Enade, Exame de Suficiência, dentre outros), em minha opinião, os alunos do fundo possuem desempenho inferior do que os alunos que se sentam mais próximos do professor.	,571			
10.Considero que sentar no fundo da sala, de alguma forma, compromete negativamente o desempenho do aluno.	,590			
11.Em geral, nas provas finais individuais, os alunos do fundo apresentam desempenho inferior aos demais.	,669			
18. Quando percebo que os alunos do fundo estão desinteressados na aula dou continuidade normalmente no planejamento estabelecido com a participação dos alunos interessados.	,603			
19. Considero que a quantidade de alunos na sala interfere no rendimento dos alunos do fundo.	,581			
7.Os alunos do fundo que manifestam desinteresse em participar das aulas me desanimam ao tentar envolvê-los nas atividades propostas.		,507		
12. A percepção sobre o desinteresse nas aulas pelos alunos do fundo, em relação aos demais alunos, é comentada pelos meus colegas professores.		,871		
13.Nas avaliações propostas em grupo os alunos do fundo possuem rendimento maior do que em atividades individuais.		,463		
17. A percepção negativa sobre o rendimento acadêmico dos alunos do fundo, em relação aos demais alunos, é comentada pelos meus colegas professores.		,872		
3.Nas avaliações que ocorrem ao longo do processo de ensino-aprendizagem (no decorrer do semestre) os alunos do fundo possuem rendimento positivo.			,743	
14.Nas atividades que requerem a participação ativa dos alunos, como: resolução de estudos de casos, discussões e seminários, os alunos do fundo participam tanto quanto os demais alunos da turma.			,670	
16.Nas avaliações em geral, o rendimento acadêmico dos alunos do fundo é positivo.			,831	
5.Procuro, de alguma forma, chamar a atenção dos alunos do fundo que se manifestam desinteressados, seja alterando a estratégia de ensino ou propondo diferentes atividades.				,636
9.Organizo atividades em sala que promovem a interação dos alunos do fundo com o restante dos alunos da sala.				,715
15.Considero o papel do professor fundamental para a interação dos alunos do fundo e demais alunos da sala.				,692
Autovalores (eigenvalue)	4,047	3,004	2,898	1,718
% Variância explicada	21,298	15,810	15,254	9,042
% Variância Acumulada	21,298	37,109	52,363	61,404
Alfa de Cronbach	,896	,782	,732	,504

Fonte: Dados da pesquisa.

Com base na Tabela 3, evidencia-se que os quatro fatores explicam 61,4% da variação dos dados e que a menor carga fatorial dos itens foi de 0,463, valor aceitável, pois, segundo Hair et al. (2005), admitem-se cargas acima de 0,40.

Para avaliar a Confiabilidade da Estrutura Fatorial, calculou-se o Alfa de Cronbach. Hair et al. (2005) revela que valores acima de 0,7 são confiáveis, pois indicam a existência de consistência interna nos fatores encontrados.

O Fator 4 apresentou coeficiente menor que 0,7. Cortina (1993) explica que o valor do alfa de Cronbach é influenciado tanto pelo valor das correlações dos itens, quanto pelo número de itens avaliados, por isso, fatores com poucos itens tendem a apresentar alfas de Cronbach menores. Respalda no autor, pode-se dizer que os valores foram inferiores devido à quantidade de variáveis desses fatores.

O Fator 1, que esclarece 21,29% da variação dos dados, pode ser caracterizado como **“Rendimento e desempenho negativo dos alunos do fundão”**. Ele explica as assertivas que, em geral, relacionavam a posição na sala e a influência disso no comportamento e no rendimento do aluno. É importante ressaltar que esse fator agregou as assertivas que trataram do mesmo foco temático, contudo, de acordo com os resultados da estatística descritiva, os professores participantes concordam que a posição do aluno na sala de aula não influencia o rendimento acadêmico, ou seja, a média das notas atribuídas pelos docentes para as assertivas agrupadas no Fator 1 foram baixas. Importante ressaltar que o estudo de Miranda, Vicente e Freitas (2014) evidenciou diferenças significativas entre o rendimento acadêmico dos discentes do fundão e daqueles que se posicionam na frente (próximos ao professor).

O Fator 2 intitula-se **“Desinteresse dos alunos do fundão”**, pois reuniu questões que indicam que os alunos do fundo são displicentes com as atividades propostas. Esse fator explica 15,81% da variação dos dados. Alguns estudos, como o de Brandão (1989), revelaram que os professores consideravam os alunos do fundão como desordeiros e descompromissados e que, então, os professores focavam sua atenção nos discentes que se colocavam à frente na sala de aula. De acordo com os resultados da presente pesquisa, na análise descritiva das variáveis, identificou-se que o corpo docente na área contábil considera que os alunos do fundo têm compromisso e interesse semelhante aos demais.

O Fator 3, **“Rendimento e desempenho positivo dos alunos do fundo”**, explica 15,25% da variação dos dados e agrupou as assertivas em que constam que os alunos do fundo têm rendimento positivo e participam das aulas tanto quanto os demais alunos. Perceba-se que esse fator envolveu assertivas de grande média (Tabela 2), o que quer dizer que os professores concordam com o **“rendimento e desempenho positivo dos alunos do fundo”**.

O Fator 4, denominado **“Atitudes dos Docentes para envolver os alunos do fundo nas atividades em sala”**, agrupou as assertivas que indagavam acerca dessa temática. Esse fator explica 9,04% da variação dos dados. A literatura pesquisada (GLEWEE et al, 2011;

MIRANDA; VICENTE; FREITAS, 2014) expõe a preocupação com o estudo dessa temática pelo fato de mobilizar os docentes a se preocuparem com os alunos do fundo e melhorar o ensino-aprendizagem no curso de Ciências Contábeis. Nesta pesquisa, o corpo docente alegou-se atento com todos os alunos.

Para complementar as análises da pesquisa, o questionário continha uma questão discursiva de resposta opcional: “O que mais você gostaria de comentar sobre o rendimento acadêmico dos alunos do fundo?”. Dos 471 respondentes, 307 optaram por responder essa questão.

Sinteticamente, a maior parte dos docentes destacou que a posição em sala não interfere no rendimento e no interesse do aluno em sala de aula, o que corrobora a análise descritiva das variáveis apresentadas na pesquisa (Tabela 2), que evidencia que a maior parte dos docentes participantes da pesquisa considera que o rendimento e participação dos alunos do fundo são positivos.

Em concordância com o que expõe Pedersen (1994), grande parte dos docentes também ressaltou que alguns motivos fazem com que o aluno se sente ao fundo: por achar que seja uma posição mais confortável, em especial, a questão da timidez e inibição; por dificuldade de se expor; por não se identificarem ou terem dificuldade com o curso, professor ou matéria; pela proximidade com os amigos que se sentam ao fundo; ou até mesmo por terem facilidade com a matéria.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivou analisar se os ‘alunos do fundo’ são estereotipados de maneira negativa quanto ao rendimento acadêmico na percepção dos docentes do curso de Ciências Contábeis das universidades do Brasil. Para isso, foram coletadas, por meio de questionários, opiniões de 471 professores. Para analisar os resultados, foram utilizadas a análise descritiva e a análise fatorial exploratória.

A maior parcela de respondentes foram docentes homens, mestres, de idade superior a 40 anos, que ministram aulas em Instituições de Ensino Superior (IES) públicas, principalmente, da região Sudeste e Sul, nos cursos de Ciências Contábeis, cujo tempo de

experiência na docência varia entre 7 e 25 anos. Além disso, a maior parte dos respondentes ministra aulas na graduação e pós-graduação em Ciências Contábeis, simultaneamente.

Foram realizadas, para análise dos resultados, a análise descritiva e a análise fatorial exploratória. Nessa última, evidenciaram-se quatro fatores que explicam 61,4% da variação dos dados, ou seja, quatro grupos que relacionam as assertivas similares do questionário. Esses fatores envolveram: “rendimento e desempenho negativo dos alunos do fundo”, “desinteresse dos alunos do fundo”, “rendimento e desempenho positivo dos alunos do fundo” e “atitudes dos docentes para envolver os alunos do fundo nas atividades em sala”. Assim, pode-se dizer que esses foram os pontos principais tratados no questionário, tendo os docentes apresentado similaridades em suas respostas.

Por meio da análise descritiva, constatou-se que os professores não diferenciam os alunos pela posição que esses ocupam em sala de aula. Eles afirmam que o rendimento dos alunos do fundo é positivo, que participam ativamente da aula tanto quanto os demais alunos e que uma postura do docente perante os alunos desinteressados é fundamental. Esses pontos também foram explanados pelos professores na assertiva discursiva proposta no questionário.

Percebe-se a convergência para os achados de Glewee et al (2011), Masetto (1998) e Gradwohl, Lopes e Costa (2009), que indicam que o papel do docente é essencial no processo de ensino-aprendizagem.

Retomando a pergunta da pesquisa, os ‘alunos do fundo’ são estereotipados de maneira negativa quanto ao rendimento acadêmico na percepção dos docentes do curso de Ciências Contábeis do Brasil, infere-se que tais alunos não são estereotipados negativamente quanto ao rendimento acadêmico pelos docentes participantes da pesquisa. Isso foi constatado através da estatística descritiva dos dados e corroborado pela análise das respostas obtidas na assertiva aberta do questionário, na qual muitos docentes relataram que não percebem diferenças significativas entre o rendimento acadêmico dos alunos pela posição ocupada em sala de aula.

Os achados do presente estudo também são coerentes com os resultados de Silva e Melo (2015), que perceberam que os alunos que se posicionavam ao fundo da sala em uma universidade do Estado do RN obtiveram melhores resultados no exame de suficiência e na vida profissional do que os alunos que se colocavam mais à frente.

Em contraponto, esses achados contrastam com os resultados de Miranda, Vicente e Freitas (2014) e Brandão (1986), que evidenciaram diferenças no rendimento entre alunos do fundo e da frente. Isso pode se dar tanto pelo fato de que esses estudos foram realizados apenas em uma universidade, bem como em virtude de a amostra ser composta por alunos e por ser a metodologia utilizada diferente, já que o estudo de Miranda, Vicente e Freitas (2014)

foi exploratório e não de acordo com a opinião de uma população, tal como a presente pesquisa.

A discussão sobre o rendimento acadêmico dos ‘alunos do fundo’ proporciona compreender fatores que podem interferir no ensino e é essencial para incentivar medidas corretivas a serem implementadas no processo educacional, ou seja, com a análise dos impactos da relação docente-discente no ensino-aprendizagem, pode-se melhorar a qualidade do ensino em Contabilidade, o que também contribui para a redução da evasão em cursos de Ciências Contábeis. Os resultados encontrados neste estudo não evidenciaram estereótipo negativo quanto à percepção dos professores, o que não reduz a preocupação com a temática no ambiente acadêmico.

Sugere-se para pesquisas futuras questionar aos discentes que se colocam ao fundo da sala o porquê de se sentarem nessa posição, se consideram que possuem rendimento e comportamento similar aos demais alunos e se percebem que os professores adotam estratégias para envolvê-los durante as aulas, não os prejudicando pela distância. Além disso, sugere-se ampliar as amostras das pesquisas de Miranda, Vicente e Freitas (2014) e Silva e Melo (2015) para verificar se haverá perpetuação da discrepância entre os estudos e, caso isso ocorra, empreender uma análise a fim de comprovar se a opinião dos docentes do curso de Ciências Contábeis é coerente ou não com a realidade.

REFERÊNCIAS

AFONSO, A. J. **Avaliação educacional: regulação e emancipação: para um a sociologia das políticas avaliativas contemporâneas.** São Paulo: Ed. Cortez, 2000.

BLOOM, B.; HASTINGS, J.; MADAUS, G. **Handbook of formative and summative evaluation of student learning.** New York: MacGraw Hill, 1971.

BRANDÃO, C R. A turma de trás. In: MORAIS, R. **Sala de aula: que espaço é esse?**. Campinas: Papyrus, 1986.

CORTINA, J. M. What is coefficient alpha? An examination of theory and applications. **Journal of Applied Psychology**. v. 78, p. 98-104. 1993.

DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, Out. 2007.

ESTERIÓTIPO. In: DICIONÁRIO da língua portuguesa. Lisboa: **Priberam Informática**, 1998. Disponível em: < <http://www.priberam.pt/dlpo/estere%C3%B3tipo>>. Acesso em: 11 mar. 2016.

FÁVERO, L. P. et al. **Análise de dados: modelagem multivariada para tomada de decisões.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

FERNANDES, D. Para uma teoria da avaliação no domínio das aprendizagens. **Estudos em Avaliação Educacional**, 2008, v.19, n.41, p.347-372.

FIGUEIREDO FILHO, D. B.; SILVA JR., J. A. Visão além do alcance: uma introdução à análise fatorial. **Opin. Pública**, Campinas, v. 16, n. 1, p. 160-185, Jun. 2010.

GALL, J. P.; GALL, M. D.; BORG, W. R. **Educational research: an introduction.** 6. ed. Longman Publishing, 1996.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

GLEWWE, P. W.; HANUSHEK, E. A.; HUMPAGE, S. D.; RAVINA, R. School resources and educational outcomes in developing countries: a review of the literature from 1990 to

2010. In: Conference on "Education policy in developing countries: what do we know, and what should we do to understand what we don't know?", 2011, Minnesota. **Anais...** Minnesota: 2011. Disponível em: < <http://www.nber.org/papers/w17554>>. Acesso em: 06 jun. 2016.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Rev. adm. empres.**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GRADVOHL, R. F.; LOPES, F. F. P.; COSTA, F. J. O perfil do bom professor de contabilidade: uma análise a partir da perspectiva de alunos de curso de graduação. In: Congresso USP Controladoria E Contabilidade, 9., 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: 2009.

GUEDES, T.A.; JANEIRO, V.; MARTINS, A.B.T.; ACORSI, C.R.L. **Projeto de Ensino: aprender fazendo estatística**, 2005. Disponível em: <http://www.each.usp.br/rvicente/Guedes_etal_Estatistica_Descritiva.pdf>. Acesso em 19 set. 2016.

HAIR JR., J. F.; BLACK, W. C.; BABIN, B. J.; ANDERSON, R. E., TATHAM, R. L. **Análise multivariada de dados**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

LACERDA, J. R., REIS, S. M., SANTOS, N. A. Os fatores extrínsecos e intrínsecos que motivam os alunos na escolha e na permanência no curso de ciências contábeis: um estudo da percepção dos discentes numa universidade pública. Encontro Anual da ANPAD, 31. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2007.

MASETTO, M. T. (org.) **Docência na universidade**. Campinas: Papyrus, 1998.

_____. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

MIRANDA, G.J; LEAL, E. A; MEDEIROS, C. R. O; LEMES, S. Representações sociais de vestibulandos: (RE) Construindo o Estereótipo dos profissionais da Contabilidade. In: Congresso ANPCONT, 7., 2013, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, jun. 2013.

MIRANDA, G. J.; VICENTE, J. M.; FREITAS, S. C. Desempenho acadêmico inferior dos alunos do "fundão": mito ou realidade?. **Revista de Contabilidade e Organizações**, v. 8, n. 22, p. 39-48, 2014.

MUNHOZ, A. M. H. **Uma análise multidimensional da relação entre inteligência e desempenho acadêmico em universitários ingressantes**. 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

OLIVEIRA, E. S. G. de et al. Uma experiência de avaliação da aprendizagem na educação a distância: o diálogo entre avaliação somativa e formativa. **Revista Iberoamericana Sobre Calidad, Eficacia y Cambio En Educación**, v. 5, n. 2, p.39-55, 2007.

OLIVEIRA, K. L.; SANTOS, A. A. A. Avaliação da aprendizagem na universidade. **Psicol. esc. educ.**, Campinas, v. 9, n. 1, p. 37-46, jun. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572005000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 abr. 2016.

PERRENOUD, P. Não mexam na minha avaliação! Para uma abordagem sistêmica da mudança. In: ESTRELA, N. A. (Org.) **Avaliações em educação: novas perspectivas**. Lisboa: Educa, 1992.

RAUPP, F. M.; BEUREN, I. M. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In: BEUREN, I. M. (Org.) **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2003.

RUSS-EFT, D.; PRESKILL, H. **Evaluation in organizations: a systematic approach to enhancing learning**. New York, NY: Basic Books, 2001.

SANTOS, J. F. S. Avaliação no Ensino a Distância. In: **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 4, n. 38, 2005.

SAX, G. **Principles of Educational and Psychological Measurement and Evaluation**. 4. ed. Belmont, CA: Wadsworth, 1997.

SCRIVEN, M. **The Methodology of evaluation**. Chicago: Rand McNally, 1967.

SHAFTTEL, J.; SHAFTTEL, T. L. Educational Assessment and the AACSB. In: **Issues in Accounting Education**. 2007, v. 7, n. 2.

SILVA, A. F.; MELO, M. A. **Performance profissional dos alunos do fundão: Um estudo com os discentes do curso de Ciências Contábeis**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Contábeis) - Faculdade de Ciências e Tecnologia Mater Christi.

VIEIRA, R. A.; MACIEL, L. S. B. A turma de trás: preconceito e exclusão aos alunos do “fundão”. **Periódico do Mestrado em Educação da UCDB**, Campo Grande, v. 28, p.11-20, jul-dez. 2009.